



Evangélica

Faculdade Evangélica do Paraná

CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOTEOLOGIA E BIOÉTICA

Iris Costa Locatelli



A SIMBOLOGIA DA FLOR DO MARACUJÁ E A PAIXÃO DE CRISTO

Curitiba, 2011.

Iris Costa Locatelli
Faculdade Evangélica do Paraná

A SIMBOLOGIA DA FLOR DO MARACUJÁ E A PAIXÃO DE CRISTO

Artigo apresentado como requisito para conclusão da Pós Graduação do Curso de Psicoteologia e Bioética na Faculdade Evangélica do Paraná.

Sob orientação do professor, **Dr. José Neivaldo de Souza.**

Curitiba, Agosto de 2011.

A SIMBOLOGIA DA FLOR DO MARACUJÁ E A PAIXÃO DE CRISTO

Iris Costa Locatelli¹
José Neivaldo de Souza²

RESUMO: Os símbolos nos induzem a interioridade, as profundezas do inconsciente. Eles nos sensibilizam pela sua magia e pelo mistério. Encantam-nos pela simultaneidade que eles apresentam. Os símbolos, enquanto fenômenos psíquicos afetam tanto nosso pensamento quanto sentimento. Por eles somos tomados em nível de uma emoção, de uma idéia. A Psicologia Analítica de C.G. Jung foi à psicologia que mais contribuiu para o estudo do material simbólico humano. Há mais de 500 anos, quando os portugueses chegaram ao Brasil com suas caravelas e alguns jesuítas a bordo, a natureza e seus fenômenos eram elementos importantíssimos da vida no Brasil da época: os rios, o mar, as tempestades, as chuvas, as estrelas, o sol, os animais, as flores e o corpo humano. E, os missionários usaram a flor do maracujá para explicar aos índios a morte e ressurreição de Jesus. Esta ligação entre a interpretação psicológica do símbolo para a formação da consciência cultural é a abordagem deste artigo científico.

PALAVRAS CHAVE: Simbologia, Flor do Maracujá e Paixão de Cristo.

SYMBOLY FLOWER OF PASSION FRUIT.

PREVIEW: The symbols show us a way to the inner side, the deep of knowledge. They open our senses with magic and mystery. Enchant us with the simultaneity that they present us. The symbols, as psychical levels affect us as tots and fillings. By them we are taken at level of an emotion, of an idea.

The psychology analytics of C.G. Jung was the biggest contribution for the study of the human material symbolic. Since more than 500 years, when the Portuguese arrived in Brazil with their vessels and some Jesuits on board, the Nature and his phenomenon were elements very important to the

Way of life from that time. The missioners used the flower of passion fruit to explain to the Indians the death and resurrection of Jesus. This connection between the psychologies of the symbol for the formation of natural conscience is the subject of this scientific article.

KEY WORDS: Symboly, Flower of Passion fruit.

¹ Iris Costa Locatelli - CRP 08/16137, Bióloga formada em 1989 pela Universidade Federal do Paraná e Psicóloga formada pela Faculdade Evangélica do Paraná em 2010, Especialização em Psicoteologia e Bioética, atuante na área clínica.

Rua Martin Afonso – nº 1918, Champagnat – Curitiba – PR - CEP: 80730-030. Telefones: (41)33396556/ (41)99942540. E-mail: irisc.locatelli@hotmail.com

² José Neivaldo de Souza – graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica em 2001, mestrado em Teologia pela Pontifícia Faculdade Teológica Teresianum em 1994, mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Tuiuti do Paraná em 2003, mestrado em Filosofia pela Pontifícia Studiorum Angelicum em 1995 e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universitas Gregoriana de Roma em 1996, leciona na Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Faculdade Evangélica do Paraná.

A SIMBOLOGIA DA FLOR DO MARACUJÁ E A PAIXÃO DE CRISTO

INTRODUÇÃO

Há séculos nós sentimos uma infusão de força espiritual quando observamos a natureza, um pôr-do-sol glorioso ou a suave ondulação das campinas ao vento. Os nossos ancestrais primitivos sem dúvida tinham mais sentimentos básicos do que um dia será capaz de recuperar. . (TENZIN-DOLMA. 2007)

Segundo Tenzin-Dolma, 2007. Aristóteles dizia que: “em todas as coisas da natureza existe algo de maravilhoso”. Afirma também o pensamento do poeta, cientista e pensador alemão Johann Wolfgang Von Goethe (1749-1832) que: “sempre se consegue o melhor da natureza humana”, isso é um reflexo da beleza e da totalidade do universo. Em seus trabalhos científicos, ele insistia em afirmar que nem sempre é necessário buscar as razões por trás dos fenômenos do mundo natural e que muitas vezes é mais apropriado simplesmente apreciá-los pelo que são. E ainda na visão do filósofo e místico alemão Jacob Boehme (1575-1624) falava em reconhecer Deus em cada folha de grama. A literatura é rica em referências à natureza como fonte nutriz para a alma. Os mitos e imagens simbólicas têm ganhado importância histórica por conta dos estudos arqueológicos que buscam compreendê-los e interpretá-los, transmitindo um saber simbólico há muito esquecido pelas sociedades ditas civilizadas. Tais pesquisas foram de suma relevância para desmistificar o pensamento corrente que concebe os povos antigos como aculturados. (JUNG, 1977). Os símbolos nos induzem a interioridade, as profundezas do inconsciente. Eles nos sensibilizam por sua magia e pelo mistério, nos encantam pela simultaneidade que eles se apresentam, enquanto fenômenos psíquicos afetam tanto nosso pensamento quanto sentimento, por eles são tomado em nível de uma emoção, de uma ideia. Ser tocado pelos símbolos é se envolver num mundo de realidades invisíveis por trás de algo visível, buscando estabelecer-se um sentido.

A Psicologia Analítica de C.G. Jung foi à psicologia que mais contribuiu para o estudo do material simbólico da humanidade. Jung fez várias viagens, conheceu várias culturas e com isso pôde vislumbrar uma conexão universal entre os homens, uma herança psicológica construída ao longo da evolução humana. Jung ao estudar o homem arcaico em comparação ao homem civilizado, concluiu que ambos sentem e percebem o mundo da mesma forma. O homem primitivo não vê o mundo de maneira diferente do moderno, na verdade o que os difere são suas hipóteses, a forma como consideram os eventos da natureza. Há mais de 500 anos, segundo o historiador da cultura brasileira, Buarque de Holanda,

quando os portugueses chegaram ao Brasil com suas caravelas e alguns jesuítas a bordo, os missionários usaram a flor de maracujá para explicar aos índios a morte e ressurreição de Jesus. O maracujá era bem conhecido dos índios das Américas e apreciado também - uma das misteriosas maravilhas escondidas no Novo Mundo. Era o período da Páscoa e era também a época da floração do maracujá. A flor encantou os europeus pelo seu perfume e de uma beleza rara, exótica. Mas os missionários estrangeiros viam mais que apenas perfume e beleza. Eles viam na flor de formação tão complexa uma metáfora perfeita para explicar aos índios a história da Paixão de Cristo. (HOLANDA, B.1959)

Abordaremos toda a simbologia envolta pela flor de maracujá, os símbolos da páscoa, o sentido da dor e do sofrimento, além das características da planta.

A LINGUAGEM SIMBÓLICA

O ser humano não é só manipulador de seu mundo. É também alguém capaz de ler a mensagem que o mundo carrega em si. Esta mensagem está escrita em todas as coisas que formam o mundo. Os semiólogos antigos e modernos viram muito bem que as coisas, além de coisas, constituem um sistema de signos. São sílabas de um grande alfabeto. E o alfabeto está a serviço de uma mensagem inscrita nas coisas, mensagem que pode ser descrita e decifrada para quem possui os olhos abertos. O homem é o ser que é capaz de ler a mensagem do mundo. Jamais é um analfabeto. É sempre aquele que, na multiplicidade de linguagens, pode ler e interpretar. Viver é ler e interpretar. (BOFF, 1986). Nenhum símbolo é simples. Simples são apenas os sinais e as alegorias. O símbolo representa sempre uma realidade complexa, que ultrapassa nossas categorias de linguagem e que não pode ser expressa de uma maneira unívoca. Por isso o símbolo apresenta várias camadas de sentido. O símbolo é aquilo que é formado de duas partes, normalmente um sinal e o seu sentido. Contudo, o entendimento de símbolo varia. (LÉVI-STRAUSS, 1970) A palavra símbolo (symbolon), formada a partir do verbo grego *symbollo*, sempre teve que admitir as mais variadas definições e interpretações; no entanto, todas elas concordavam no ponto em que, dessa forma, se queria designar algo que, por trás do sentido objetivo e visível, oculta um sentido invisível e mais profundo. (JACOB, 1990)

Para a Psicologia Analítica (Jung), símbolos seriam manifestações próprias da "linguagem" do subconsciente (coletivo ou individual). Esta linguagem não é linear nem lógica, portanto, se manifesta como imagens que atuam como símbolos, isto é, é parte, é metade de um sinal, cujo sentido reside na força do arquétipo (formas elementares do

subconsciente) que manifestam. Como um arquétipo não pode se manifestar em si, ele se mostra como símbolo. Assim, o "pensamento simbólico" em Jung seria o pensamento próprio da arte, da mitologia e da religião, cuja linguagem é simbólica. O pensamento simbólico integraria a psique, pois com o símbolo (união de duas metades) a consciência pode se comunicar com o subconsciente. A linguagem, antes de expressar conceitos, expressa afeições e sentimentos poéticos e inefáveis, como os da religião não reduzida à racionalidade teológica. O homem, mais do que um animal racional, é um animal simbólico. (JUNG, 1988).

Somente a vida simbólica pode expressar a necessidade diária da alma. Jung, antes de decidir pelos estudos médicos tinha uma atração pela arqueologia. Num certo sentido, ele não deixou inativo, seu trabalho de médico, de professor e de pesquisador e sua vocação arqueológica. Assim como Foucault desenvolveu uma arqueologia do saber, podemos afirmar que Jung desenvolveu uma arqueologia do funcionamento mental. (JUNG, 1977)

Assim, como o nosso corpo é um verdadeiro museu de órgãos, cada um com a sua longa evolução histórica, deveu esperar encontrar também na mente uma organização análoga. Nossa mente não poderia jamais ser um produto sem história, em situação oposta ao corpo em que existe. Por 'história' não estou querendo me referir àquela que a mente constrói através de referências conscientes ao passado, por meio da linguagem e de outras tradições culturais; refiro-me ao desenvolvimento biológico, pré-histórico e inconsciente da mente no homem primitivo, cuja psique estava muito próxima à dos animais. (JUNG, 1977) Esta psique, infinitamente antiga, é a base da nossa mente, assim como a estrutura do nosso corpo se fundamenta no molde anatômico dos mamíferos em geral. O olho treinado do anatomista ou do biólogo encontra nos nossos corpos muitos traços deste molde original. O pesquisador experiente da mente humana também pode verificar as analogias existentes entre as imagens oníricas do homem moderno e as expressões da mente primitiva, as suas 'imagens coletivas' e os seus motivos mitológicos. Assim como o biólogo necessita da anatomia comparada, também o psicólogo não pode prescindir da 'anatomia comparada da psique'. Em outros termos, o psicólogo precisa, na prática, ter experiência suficiente não só de sonhos e outras expressões da atividade inconsciente, mas também da mitologia no seu sentido mais amplo. Sem esta bagagem intelectual ninguém pode identificar as analogias mais importantes, não será possível, por exemplo, verificar a analogia entre um caso de neurose compulsiva e a clássica possessão demoníaca sem um conhecimento exato de ambos. (JUNG, 1977)

A eficácia simbólica (Leví Strauss, 1970) foi de grande e fundamental importância na catequização dos índios no Brasil pelos Jesuítas. A eficácia simbólica permite compreender

a crença como a adesão do sujeito a um discurso ou sistema de práticas pela mediação da comunidade. Isto é a crença não é algo que o sujeito experimenta numa relação direta com o discurso, mas algo que supõe a existência de outros que, a seu ver, mantêm tal relação, pois o simbólico – ou seja, a cultura – é justamente aquilo que “funda e torna possível a experiência humana”.

O SIMBÓLICO COMO LINGUAGEM DO SER HUMANO E DA NATUREZA

A natureza ou o mundo fazem parte do ser humano e do nosso projeto de vida. Nós somos um ser no mundo. Entre o homem e a natureza pode e deve haver uma verdadeira harmonia de existência de vida. Para isso o homem não pode considerar a natureza só como um objeto, mais ou menos útil, mais ou menos necessário, mas tem de aceitá-la como parte integrante do seu ser. A natureza não está à frente de nós, vive conosco. Não é um instrumento ou objeto manejável, segundo o nosso capricho, mas uma dimensão essencial do nosso espaço vital. O nosso relacionamento com a Natureza inspira-se também na relação do Espírito de Deus que se manifesta na Criação e nos faz respeitar valores superiores aos que o Positivismo descobre, na sua investigação puramente experimental. (NEGREIROS, 2008)

A doutrina cristã de Agostinho de Hipona era recomendada especialmente na oratória sagrada destinada à evangelização popular. Tratava-se de uma prática comum inclusive entre os jesuítas que exerciam o “ministério da palavra” no Brasil colonial. Através do uso da metáfora, era possível introduzir no conteúdo da pregação elementos próprios do mundo da vida dos ouvintes, de modo a tornarem mais compreensíveis e próximas a eles as doutrinas propostas pelo sermão. Evidentemente a natureza e seus fenômenos eram elementos importantíssimos do mundo da vida do Brasil da época: os rios, o mar, as tempestades, as chuvas, as estrelas, o sol, os animais, as flores e o corpo humano.

Utilizando-se deste procedimento, a metáfora possibilita dar relevo concreto aos conceitos abstratos. O entendimento relaciona uma impressão sensível à idéia, tornando quase visível e interiormente palpável, aquilo que não se vê. A metáfora permite assim expressar os conceitos inexprimíveis, fazer-nos sentir as coisas insensíveis e ver as coisas invisíveis.

O mundo natural não é apenas um meio para atingir uma realidade transcendente é o verdadeiro alvo do interesse cognitivo, mas é ele mesmo o lugar onde esta realidade se manifesta e se faz presente. A própria contemplação da natureza é um exercício espiritual que têm como finalidade última o reconhecimento da marca divina na criação.

Na Companhia de Jesus, a atividade de cientistas jesuítas dedicados ao estudo da filosofia natural recolocara, a partir do século XVI, o tema da natureza como um itinerário para o conhecimento de Deus. Os jesuítas promovem formas de sincretismo entre a atividade científica e a espiritual, visando enfatizar a vertiginosa plenitude do universo. Nesse tipo de contemplação, o apelo mais forte não é à razão dedutiva, pelos argumentos demonstrativos, mas ao “coração” entendido como a capacidade de conhecimento do homem em todas as suas dimensões e pelo aporte de todas as potências anímicas. A manifestação do infinito no finito não acontece por uma dedução demonstrativa, mas pela maravilha experimentada diante do mundo das criaturas. No universo indígena não há separação entre o sagrado e o profano. Tudo é sagrado: a natureza, a vida e a morte. (NEGREIROS, 2008)

O SENTIDO DA DOR E DO SOFRIMENTO

Na história da humanidade o homem sempre se preocupou com o problema do sofrimento. A dor não é unívoca e foi, desde sempre, companheira do homem. Segundo relatos descritos, já os antigos Egípcios, 4. 000 a. c., e os antigos chineses há cerca de 2.000 anos tinham tratamentos para a dor. Platão e Aristóteles colocaram a dor como paixão da alma; Hipócrates e Galeno também se preocuparam com a dor e admitiram a relação entre o corpo e a mente. Todos temos consciência que a dor e a memória da dor mudam o nosso comportamento em numerosas situações. A dor é subjetiva só podendo ser conhecida pelo próprio ser que a vivencia, e o sofrimento parece algo quase inefável e não comunicável. O homem sofre de diferentes maneiras, pois o campo do sofrimento humano é muito mais vasto, muito mais diversificado e mais multi-dimensional. O sofrimento é uma área mais vasta e difícil que a doença e, simultaneamente, mais enraizado na própria humanidade. A dor e o sofrimento, de uma forma geral, são essenciais ao crescimento humano. O ser humano deve transcender às situações difíceis, nunca devemos desistir da pessoa, temos é de ajudar a pessoa a recuperar. (FRANK, 1987)

Empiricamente, podemos afirmar que a dor é uma "sensação física" e o sofrimento uma "sensação psíquica". Naturalmente que uma dor intensa e indesejável provoca sofrimento . A dor é um sintoma que acompanha, de forma transversal, a maioria das situações patológicas que requerem cuidados de saúde, sendo o sofrimento mais comum o sofrimento da doença. Na Bíblia Sagrada, 2000. O fenômeno de dor é descrito por Jeremias, no Livro das Lamentações, como um estado de aflição moral, pois a aflição, desgosto, desespero, desgraça, angústia são os termos de descrição frequentemente encontrados na Bíblia. Na

perspectiva teológica, o sentido profundo do sofrimento descobre-se seguindo a palavra de Deus revelada, é necessário "abrir-se amplamente à pessoa humana com as suas múltiplas potencialidades". O cristão encontra, na doença e no sofrimento, uma forma de se aproximar de Deus na medida em que, onde os outros encontram angústia e dor, o cristão dominando e assimilando o sofrimento, retira dele um sentido de vida. Há necessidade de refletir a questão do sentido do sofrimento por causa do mistério que ele encerra e também como imperativo da fé. Penetrar no mundo do sofrimento exige que ele seja considerado na sua realidade objetiva. O sofrimento é uma realidade pluridimensional. É a vida de Jesus Cristo, particularmente na paixão, que nos revela toda a resposta à dimensão do sofrimento. Jesus Cristo venceu o pecado e a morte. Esta vitória não suprime o sofrimento temporal do homem, antes projeta sobre ele a luz da nossa salvação. (FIDALGO, 2001)

A PAIXÃO DE CRISTO COMO SÍMBOLO

O sagrado se manifesta naquilo que ultrapassa a força e a capacidade humana. Essa constatação, esse sentimento de nulidade experimentado frente àquilo que o ultrapassa, o homem sente-se subjugado por essa estranha força que o domina e o arrasta em sua determinação. O sagrado se manifesta naquilo que é inapreensível na existência cotidiana do homem consigo mesmo e com as coisas do mundo: o nascimento, a morte, e a força da natureza. E, diante dessa estranha manifestação, o homem parece não possuir nenhum modo de interferência eficaz. Cabe-lhe apenas a postura de espectador passivo diante do espetáculo do sagrado que se desenrola ante seus sentidos. Diante da observação da eficácia do sagrado, tem-se a expressão do Ser em toda sua plenitude. Eficaz, é tudo aquilo que está cheio de ser, onde toda manifestação sagrada se pode dar e onde o homem deseja alimentar-se, tomar contato com o primordial de onde advém toda a realidade, todo o mundo circundante. (LADRIÈRE, 1979)

A paixão de Cristo foi inigualável, porque foi única, cheia de significado para o mundo. O conceito da palavra paixão vem do latim *passio, onis*, a palavra paixão significa "sofrimento passivo". O verdadeiro sentido do sofrimento. O sofrimento maior que um homem pode sentir o aniquilar-se física e moralmente, o abandono, a dor, o tornar-se farrapo, sujo, nu, só. E dessa profunda humilhação ressurgiu glorioso para tornar-se eterno e oferecer seu amor ao amado. Particularmente inerente à natureza do homem revela-se na vida e fundamentalmente na Cruz. A Páscoa é o maior símbolo da cristandade, a festa mais importante do calendário hebraico. Uma data onde os cristãos celebram a Ressurreição de

Jesus Cristo, a vitória sobre a morte após sua Crucificação, reforçando a crença na vida eterna. A palavra Páscoa, do grego “pasxa”, e transliterada do hebraico "pasach" (passar sobre), que significa que o julgamento de Deus passa sobre nós.

Símbolos da páscoa

O Cordeiro - Na tradição cristã, Jesus ofereceu seu corpo e sangue assumindo metaforicamente o duplo sentido da Páscoa judaica: sentido de libertação e de aliança. No Novo Testamento, Cristo é o Cordeiro de Deus, sacrificado em prol da salvação de toda a humanidade. É a nova Aliança de Deus realizada por seu filho, agora não só com um povo, mas com todos os povos.

O Sino - Seu som festivo anuncia o ressurgimento de Jesus no domingo de Páscoa

O Círio pascal - É uma vela acesa que significa o renascimento, a luz de Cristo que ilumina os caminhos. No círio Pascal aparecem os símbolos alfa e ômega, significando Deus como princípio meio e fim de tudo.

O Girassol - simboliza que a humanidade deve seguir o caminho da luz de Deus, assim como a flor segue em direção a luz.

O Pão e o Vinho - em referência a Santa Ceia, onde Jesus sabedor de sua morte convida os apóstolos para a Santa Ceia e oferece a seus discípulos o pão e o vinho, significando o corpo e sangue

A Colomba Pascal - é o pão no formato de uma pomba, criada por um confeitiro italiano, representa a vinda do Espírito Santo sobre o povo Cristão, além de simbolizar a Paz de Cristo. De cristo em busca da vida eterna.

O Peixe - a relação com a Páscoa se acha no fato de as aparições de Jesus, após a Ressurreição estarem ligadas à presença do peixe.

Ovo de Chocolate - Alguns historiadores acreditam que os ovos de chocolate, ovos coloridos e o coelhinho da Páscoa, são resquícios culturais da festividade de primavera em honra de Ilustre (celebração pagã) que, depois foram assimilados às celebrações cristãs. O hábito de trocar ovos de chocolate surgiu na França, antes era usados ovos de galinha para celebrar a data. O ovo é um símbolo de vida nova, de vida que está para nascer; é um símbolo de começo.

Lava Pés - Mas foi também durante a última ceia que Cristo lavou os pés de seus discípulos. Pondo uma toalha na cintura, Jesus despejou água numa bacia, começou a lavar os pés de cada um dos apóstolos e enxugou-os com a toalha. Jesus fez isso para dar uma lição de

humildade, simplicidade, igualdade, solidariedade, amor e serviço aos irmãos, que nada mais é do que a grande lição pascal. O lava-pés é, pois, um símbolo.

A Cruz - Mistifica todo o significado da Páscoa, na ressurreição e também no sofrimento de Cristo.

Aleluia - O Cântico da Aleluia é um dos símbolos mais expressivos das aclamações de louvor e de alegria. É uma expressão hebraica: HALLELUI-YAH que significa: Louvai o Senhor. Constantino decretou a cruz como símbolo oficial do cristianismo.

Coelho da Páscoa - No antigo Egito, o coelho simbolizava o nascimento e a nova vida. Alguns povos da Antigüidade o consideravam o símbolo da Lua. É possível que ele se tenha tornado símbolo pascal devido ao fato de a Lua determinar a data da Páscoa. Mas o certo mesmo é que a origem da imagem do coelho na Páscoa está na fertilidade que os coelhos possuem.

O SÍMBOLO DA FLOR DO MARACUJÁ

O homem como a flor do campo assim floresce; apenas é tocada pelo vento, já não existe; nem o seu lugar a conhece mais. (Salmos 102, 15-16).

O maracujá é o fruto da paixão - Missionários estrangeiros viram nessa flor e fruto muito mais do que beleza e perfume. Os religiosos viram naquela formação complexa e admirável, um verdadeiro presente de Deus para iluminar seu trabalho de catequese, encontrando em suas formas e cores exóticas, a metáfora perfeita para explicar aos infieis indígenas a "truculenta história da Paixão de Cristo". (BECKER, 1999).

A flor do maracujá, por causa da disposição das suas pétalas, em forma de estrela, freqüentemente tornou-se símbolo do Sol, da órbita terrestre ou do Centro (por exemplo, a flor de lótus no sudeste asiático). Muitas flores vistosas eram admiradas por motivos estéticos e por conterem substâncias psicotrópicas. São também concebidas como mensageiras da Primavera, mas também como símbolos do desejo sexual. As flores de uma forma neutra simbolizam a força vital e a alegria de viver, o fim do Inverno e a vitória sobre a morte. Na simbologia cristã, o cálice aberto para cima é referência à recepção das dádivas divinas, da alegria infantil pela natureza do paraíso, mas também da transitoriedade de toda a beleza terrena, que só pode ser duradoura nos jardins do céu.

Na Bíblia a flor é referência ao que é aprazível a Deus, como o comprovam as varas de José e de Aarão. Um pau seco de onde brotam flores é também, em muitas sagas e lendas símbolo da complacência divina e da esperança. As cores das flores também são consideradas

simbolicamente (branco: inocência, pureza, morte; vermelho: vitalidade, sangue; azul: segredo, dedicação interior; amarelo: sol, calor, ouro). O simbolismo tântrico-taoísta da Flor de Ouro é também o resultado do mais elevado alcance espiritual: a floração é o resultado de uma alquimia interior, da união da essência (tsing) e do sopro (*k'i*), da água e do fogo. A flor é idêntica ao Elixir da vida; a floração é o regresso ao Centro e à Unidade. Na arte japonesa de arranjo floral (Ikebana), a flor é considerada como o modelo de desenvolvimento da manifestação, da arte espontânea. O arranjo floral é efetuado segundo um esquema ternário: o raminho superior é o do céu, o médio, do ser humano, o inferior é o da Terra. Assim se exprime o ritmo da tríade universal, na qual o ser humano é o mediado entre o céu e a terra. (GHEERBRANT E BIEDERMANN, 1993)

Uma das poucas plantas incluídas nas nossas tradições religiosas é o maracujá. Isso se deve aos jesuítas que conheceram na América tropical as plantas de maracujá. Os jesuítas ficaram impressionados com a beleza da flor do maracujá e viram na planta várias características que eles associaram à paixão de Cristo. Daí o nome flor da paixão. Por essa razão, Lineu deu à planta o nome científico *passiflora*: flor-da-paixão, em português. (MANICA, 2005). Representa a Paixão de Cristo, o período ocorrido da traição à crucificação, as últimas 12 horas de Jesus. O episódio é lembrado pelos cristãos durante a Sexta-feira Santa, que termina com a celebração da Páscoa no domingo. A morte de Jesus antecedeu o principal evento dos judeus, também chamado Festa dos Pães Ázimos, em memória à libertação do Egito. O período entre a morte e ressurreição de Cristo foi incorporado à comemoração pascal, que remete à esperança, passagem e renovação. O simbolismo desse evento cristão está representado no maracujazeiro. E a concepção foi definida no Brasil do século XVI, após o Descobrimento. Os missionários europeus que chegaram ao país identificaram na flor do maracujá a imagem da Paixão de Cristo. O fruto brasileiro, marcante no cheiro e paladar, foi eleito para representar a principal história bíblica. Existe uma associação da flor com a paixão de Jesus Cristo: A coroa floral representava a coroa de espinhos, os três estigmas da flor simbolizavam os três cravos que prenderam Cristo na cruz; e as cinco anteras florais, as cinco chagas de Cristo; as gavinhas eram os chicotes com que o açoitaram e o fruto redondo representa o mundo a que Cristo veio salvar. (MANICA, 2005). Tratou-se de uma estratégia lúdica e didática para explicar princípios bíblicos por meio da comida para os nativos, alvos da evangelização cristã. Todos nós não importamos a vocação, trabalhamos a partir de certas metáforas básicas. Essas metáforas não são propriamente filosóficas conscientes, cuidadosamente elaboradas, mas antes, atitudes

semiconscientes enraizadas na própria estrutura da psique. (HILLMAN, 1993 [1964]). O maracujazeiro era louvado por suas flores, pela sombra fresca e pelos frutos, que abrigavam colonos, viajantes e missionários nas tardes quentes da América Tropical. No século XVI além de ser apreciado pelo sabor e o cheiro, era utilizado pelas propriedades medicinais. As folhas, por exemplo, eram bem pisadas e colocadas em cima de feridas para “tirar o fogo e câncer que tiver”, devido a sua natureza fria. Além da pré-disposição religiosa, a fruta é rica em vitamina C e potássio, o que a torna um diurético natural. A polpa também é rica em fibras, tem efeito sedativo e hipotensor. Além das suas folhas serem usadas como emplastos em queimaduras. (MANICA 2005)

Características da planta

Originário da América tropical, o maracujá possui mais de 150 espécies nativas do Brasil. Devido as suas propriedades terapêuticas, tem valor medicinal: as folhas e o suco contêm passiflorina, um sedativo natural e o chá preparado com as folhas têm efeito diurético. Possui, também, valor ornamental devido as suas belas flores. Seu uso principal, no entanto, está na alimentação humana, na forma de sucos, doces, geléias, sorvetes e licores. É rico em vitamina C, cálcio e fósforo. Trepadeira vigorosa de caule freqüentemente sulcado. Em algumas espécies, as folhas são arredondadas e em outras são profundamente partidas, com bordos serrados. Flores grandes, vistosas, de coloração que pode variar de branco-esverdeado, alaranjada, vermelho ou arroxeadas, de acordo com a espécie. Floresce de dezembro a abril. (BARROSO, 1978)

Fruto

Geralmente arredondado com casca espessa de coloração verde, amarelada, alaranjada ou com manchas verde-claras, de acordo com a espécie. Sementes achatadas, pretas, envolvidas por um arilo de textura gelatinosa de coloração amarelada e translúcida. O formato de círculo representa o ciclo eterno da vida, sem começo nem fim. O espaço no interior do círculo simboliza o domínio interior, um espaço mágico encapsulado e protegido pela periferia. Frutifica durante o ano todo, menos intensamente de maio a agosto. (BARROSO, 1978)

O gênero passiflora

A família Passifloraceae tem distribuição principalmente tropical, mas também ocorre em regiões subtropical, estendendo-se até o norte da Argentina, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, América do Norte e Ásia. A maioria dos gêneros tem distribuição

restrita ao hemisfério ocidental (tribo Passifloreae) ou ao hemisfério oriental (tribo Paropsieae). A exceção a esta limitação é o gênero *Passiflora*, que apesar de ser predominantemente americano, apresenta 20 espécies registradas também em áreas do Sul da Ásia, África e Oceania. A maioria dos gêneros ocidentais é encontrada a leste dos Andes na América do Sul (*Ancistrothyrsus* e *Dilkea* - floresta amazônica; *Microstemma* - sul das Guianas e SE do Brasil). São encontradas em diversos habitats que incluem savanas, várzeas, florestas tropicais (terra firme) e beiras de estradas. A maioria das espécies é de altitudes baixas e médias; algumas ocorrem nos Andes. (MANICA 2005). Passifloraceae Juss são principalmente trepadeiras, mas há também arbustos e árvores baixas. As principais características são a presença de gavinhas axilares, glândulas extraflorais ou nectários, folhas alternas normalmente simples coroam de estaminódios, gineceu e androceu com base comum (androgínóforo) e sementes ariladas.

Para diagnose: plantas hermafroditas, flores geralmente entomófilas e grandes, solitárias ou aos pares (cimeiras reduzidas), axilares, normalmente com três brácteas, com hipanto, com cálice e corola bem distintos, pentâmeras, com tantas pétalas quanto sépalas, corona de filamentos dispostos de uma a várias séries concêntricas, de várias formas, opérculo membranoso, liso ou plicado, inteiro ou filamentosos, límen geralmente presente, envolvendo a base do androgínóforo, anel nectarífero em formato anular, androgínóforo reto, androceu com cinco estames unidos partindo de um androgínóforo, anteras biloculares, dorsifixas, versáteis, gineceu trí carpelar, súpero, sobre o androgínóforo, ovários uniloculares com placentação parietal, frutos geralmente bagas ou cápsulas loculicidas; sementes com arilo mucilaginoso e endosperma oleoso e protéico. (MANICA, 2005)

Os principais conjuntos de peças florais e nomenclatura utilizada. Podemos observar: A Cor = roxa (cor do sofrimento). Cálice = conjunto de pétalas. A Corola = conjunto de sépalas. A Corona = conjunto de fimbrias (estaminódios, ou estames modificados), (coroa de espinhos). O Androgínóforo = base comum em forma de coluna que sustenta o androceu (estames; "peças masculinas"), (mesmo número da chagas de Cristo) e o gineceu (carpelos, "peças femininas"), (os cravos que prenderam Jesus na Cruz). O Carpelo = folha modificada que protege os gametófitos femininos; é formado por estigma (parte superior que entra em contato com o grão de pólen), estilete (parte tubular) e ovário (parte basal, maior, onde estão os óvulos). O Estame = folha modificada que forma os gametófitos masculinos (grãos de pólen); é formado pelo filete (suporte em forma de coluna) e pela antera (parte superior em que são formados os grãos de pólen). As Gavinhas = ajudam à trepadeira subir (chicote do

martírio). As Folhas pontuadas = a lança do soldado romano. O Fruto redondo representa o mundo possível observar no interior da flor do maracujá o androginóforo (coluna central) com os estames e os carpelos na parte superior lembram o cálice do vinho. A câmara nectarífera, onde ocorre à secreção de néctar, associa-se com a esponja encharcada de vinagre oferecido na cruz conforme anexo 01.

Anexo 01.



Figura 01. Visão geral da flor do maracujá



Figura 02. O interior da flor do maracujá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é um ser compulsivamente simbólico, todas as suas atividades implicam o simbolismo. Então, a atividade religiosa está repleta de simbolismo. Sem símbolo não existe religião, e sem religião um enorme espaço do símbolo ficaria amputado. Símbolo e religião se abraçam mutuamente. O símbolo não reflete a realidade objetiva, mas busca revelar o profundo, escondido, misterioso, ausente. Preocupa-se em desvelar as raízes ocultas da realidade, os pilares do universo.

Carl G. Jung tinha razão ao vincular os símbolos religiosos ao mundo do inconsciente. Para ele, a representação simbólica tinha função de ponte entre o consciente e o inconsciente, assim como de elemento unificador e estruturador do processo da personalidade. O símbolo mostra para a consciência o que esta deveria ser. Lembrando MARDONES, 2006. Os novos símbolos apontam para um futuro ao qual impulsionam o indivíduo e sua personalidade e a sabedoria do futuro que necessitamos será escrita por aqueles que souberem conjugar a inteligência artificial com a alma de um poeta. Somos feitos de sonhos; o homem é um criador de símbolos. Somos abelhas do invisível, saboreamos perdidamente o mel do visível para acumular na colméia o ouro que nos falta. A religião relata, vive expressa e celebra essa tensão simbólica.

REFERÊNCIAS

BARROSO, G. M. Passifloraceae. In BARROSO, G. M. *Sistemática de Angiospermas do Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos/ São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

BECKER, UDO. *Dicionário de símbolos*. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999.

BOFF, L. *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1986

STRAUSS, C.L. *Mito e Significado*. Tradução Antonio Marques Bessa. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1970

STRAUSS, C.L. *Antropologia Estrutural*. Tradução Beatriz Perrone-Moises. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970

FIDALGO, S. J. *Questões de Ética: o sentido e o valor do sofrimento*. [maio 2001]. Disponível em <<http://www.orbita.starmeda.com/gntimoneiro/etica.htm>> – Acesso em 06 fev. 2011.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Porto Alegre: Sulina, 1987.

NEGREIROS, F.M. *Cadernos de Espiritualidade Franciscana*, nº02, Editora Franciscana. Braga. 2008. Disponível em <<http://www.santuariopenapolis.com.br>> Acesso em 03 mar. 2011.

HILLMAN, J. *Suicídio e Alma*. Petrópolis: Vozes, 1993.

- HOLANDA, S. B. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.
- JOLANDE, J. *Complexo, Arquétipo e Símbolo*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CHEVALIER, J. GHEERBRANT. A. e BIEDERMANN. H. *Dicionário ilustrado de símbolos*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- JUNG. C.G. Psicologia da Religião Ocidental e Oriental. In JUNG. C.G. *Obras completas de C.G. Jung vol. XI*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- LADRIÈRE, J. *Vida Social e destinação*. Tradução: Maria Ivone da Silva O.C.Silva. São Paulo: Convívio, 1979.
- MANICA, I. *Taxionomia - Anatomia - Morfologia*. [2005]. Disponível em: <http://zoo.bio.ufpr.br/polinizadores/Textos/passiflora_genero.htm>. Acesso 10 fev. 2011.
- MARDONES, J. M. *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. Tradução Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GIL, S.F. *O Sagrado E A Religião*. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/.../o_sagrado_e_a_religiao.pdf>. Acesso em 28 jan. 2011.
- TENZIN-DOLMA, L. *Mandalas da natureza*. São Paulo: Pensamentos, 2007.
- VECCHIA, M. *II gênero Passiflora*. Disponível em: <<http://www.passiflora.it/ilgenerepassiflora.htm>>. Acesso em 08 fev. 2011.